CONHECIMENTOS UTEIS.

—

OBRAS PUBLICAS.

12 A 'Companhia das Obras-publicas' pediu e obteve do governo de S. M. a approvação de umas condições com que se propõe empregar nos trabalhos que vai imprehender os açorianos e madeirenses que se quizerem transportar ao continente de Portugal para esse fim. A Companhia garante-lhes nunca menos de cento e sessenta reis por dia, e paga-lhes a passagem, e a da suas familias se porventura os quizerem acompanhar. Os ajustes d'estes transportes, etc., hão de ser feitos com os agentes da Companhia estabelecidos nas ilhas.

É grave este objecto, e todo inteiro do dominio da economia nacional. A REVISTA faltaria pois ao mais sagrado da sua missão — trabalhar pelos interesses sociaes do paiz — se deixasse de fazer algumas das ponderações que ésta providencia suscita, e que eu entrego á consideração de todos os que querem devéras o bem da sua patria, e para elle trabalham.

A 'Companhia das Obras-públicas' necessariamente deve ter achado embaraços em reunir a gente precisa para os seus immensos trabalhos. Os operarios em Portugal não abundam; e em quanto que as grandes cidades se acham cheias de vadios, ociosos, e mendigos, falta pelos campos quem amanhe as terras. A consequencia d'isto é a carestia dos trabalhos agricolas, incomportavel n'alguns districtos pelas fôrças do lavrador. Ja se vê pois que a Companhia tem que ponderar ésta necessidade rural — a primeira de todas — para lhe não distrahir a pouca gente de que ella so póde dispôr — e que lhe é indispensavel.

N'este caso lembrou chamar ao continente a gente das ilhas. Mas este pensamento, que póde até certo ponto ser approvado, tem o inconveniente tambem de podêr produsir n'aquellas possessões uma calamidade, roubando-lhe a gente necessaria para a cultura d'ellas. As ilhas todas, que são de uma grande fertilidade, acham-se não obstante por cultivar na sua maior parte: a Terceira, por exemplo, agricultada apenas nas orlas, tem todo o seu centro (*sertão*, como os indígenas lhes chamam) inculto e çafaro como póde ser um deserto improductivo da Arabia.

No emtanto a emigração dos Açores para o Brazil (e mesmo do continente do reino), que nos poderão aqui allegar como prova de sobejidão de braços, não se faz por esse motivo. Pelo que respeita aos individuos que de Portugal mesmo se transportam para o Brazil, são elles pela maior parte artifices, a quem a esperança de la aproveitarem melhor os seus misteres induz a deixarem a patria. Os açorianos porém emigram por outras razões. Ha n'aquelles povos tendencia e gôsto pronunciados para a emigração. O meio de lhe obstar sería fazer com que a industria se desinvolvesse em todos os seus ramos no archipelago dos Açores; propagar as povoações (freguezias) pelas ilhas dando-lhes o necessario para ellas se poderem manter — queremos dizer: fornecendo-lhes agua onde ella escacêa; construindo certos edificios públicos, como igreja, etc.; creando escholas de instrucção primaria; exemptando de impostos por certo número de annos; dando os instrumentos agrarios precisos para um primeiro roteio, etc., etc. Ora, se em logar de se fazer isto, se fôr dar novo incentivo á emigração; se se fôr dizer a estes povos — vinde para Portugal onde tendes subsistencia certa e a muitos respeitos mais commoda, e onde não sereis soldados — se a elles se lhes despertar a cobiça com a idêa lisongeira de poderem achar aqui circumstancias mais favoraveis para melhorarem a existencia; que açoriano deixará de abandonar a sua patria? Quem conhece o espirito d'aquelles povos affirma que virão os mesmos que não mereceram o nome de indigentes ou ainda de proletarios.

Bem se vê que estes dois alvitres: o de chamar a gente do paiz em massa para trabalhos de obras públicas, e o de provocar uma migração nos Açores; podem ser alvitres de calamitosos resultados para o paiz. Não tenho dúvida em dizer: *provocar uma migração*, porque outra coisa se não deprehende das condições publicadas, do estabelecimento de agentes nas diversas ilhas, e mais que tudo, porque não vimos que se marcasse o número dos individuos que poderiam sahir das ilhas, sem grave prejuizo do seu immediato territorio, calculado sôbre previas informações das auctoridades locaes.

E' principalmente n'este ponto que as minhas apprehensões mais se apoiam.

Preveniram-se acaso todas as consequencias da providencia que se adoptou? Anteviu-se qual sería a sorte d'esses individuos em relação a elles e ao paiz, quando concluidos os trabalhos para que são chamados?

E, por outro lado, teria a Companhia outros meios de acudir á suprema necessidade de braços para as suas obras sem aproveitar os recursos que condemnâmos: um por absolutamente inadmissivel, outro pela demasiada latitude que parece dar-se-lhe?

Supponho que sim.

Entre as questões importantes que a economia-politica hoje tem creado, suscitado, ou reproduzido, a questão da applicação dos exercitos aos trabalhos públicos apresenta-se naturalmente ao observar-se o ocio em que existem muitos centenares de mil homens mantidos pelas nações sem immediato proveito visivel e geralmente sentido, e portanto difficil de bem apreciar. Os exercitos, a guerra mesma, poderão ter sido algum tempo uma especulação do Estado, um meio de vida para os cidadãos, quando a industria era demasiado limitada para os occupar todos, quando o commercio era quasi nullo, quando emfim o movimento social distava tanto da agitação e celeridade que hoje se lhe conhece: agora porém que a *guerra pacifica* da permutação e da industria occupa os povos internacional e externamente; que a emulação de mais vender e melhor fabricar, parece ser a unica rivalidade das nações; a guerra não está no coração de ninguem. E, se por desgraça, um êrro politico a fizesse rebentar, não sería necessario ser propheta para vaticinar que a conflagração não havia de ser geral nem duradoira.

N'este estado de coisas nada ha mais natural do que pensar no modo de aproveitar essa multidão de gente que a prudencia politica, e porventura as circumstancias especiaes de alguns Estados, aconselham todavia a manter numerosa e respeitavel; mas que pela sua organisação mesma parece mais disposta a podêr ser vantajosamente empregada nos melhoramentos materiaes.

Applicando éstas considerações ao nosso paiz, penso eu que uma parte do exercito licenciada para podèr ser empregada pela 'Companhia das Obras-publicas' sería de todos os alvitres o mais conveniente ao paiz e á Companhia mesma. O Thesoiro tiraria tambem d'isso incalculavel vantagem, e o Estado nada arriscaria porque a força pùblica poderia continuar arregimentada prompta a reunir logo que fosse necessario.

Uma parte d'essa immensa economia que teria o Thesoiro deixando de pagar a uns poucos de mil homens, poderia tambem ser applicada, se isso fosse julgado a proposito, para esses mesmos melhoramentos materiaes, além do que lhes está votado. E' assim que os Estados-Unidos com tanto territorio como a França, a Allemanha, a Inglaterra, a Hispanha e Portugal juntos, tem apenas 10:000 homens em armas, e tem elles sós tantos caminhos de ferro e canaes como todos ess'outros Estados, imprehendidos e acabados no espaço de vinte e cinco annos, com apenas desoito milhões de habitantes; porque aquelle paiz póde applicar para os trabalhos públicos os braços e o dinheiro que os outros paizes applicam para um exercito permanente e inactivo, que consome a melhor parte dos rendimentos do Estado.

Dado porém que haja inconvenientes (que eu não antevejo) para realizar este alvitre, e estando a Companhia necessitada de braços, haveria ainda outros meios de supprir essa necessidade sem ir buscar gente aos Açôres? Não me parece que os haja: note-se bem, longe de condemnar eu approvo e muito que a todos os cidadãos portuguezes se proporcionem recursos para ganhar a subsistencia; e não menos approvo que se procurem todos os meios para gozarmos depressa dos beneficios dos melhoramentos materiaes. Que a prudencia porêm presida a todas as medidas que para isso se tomarem!

Não me parece que os haja, disse eu; mas, depois do que tambem acima deixo dito, bem se conhece quantas cautellas demanda uma providencia tão importante, e que póde ter tão funestos resultados. Além d'isso, outros recursos ha no paiz que se poderiam aproveitar com vantagem. A lei sobre os vadios e vagabundos pósta em rigorosa execução daria ás obras publicas numerosos trabalhadores: alguns centenares de prêsos, que fazem despeza ao Estado e povoam as cadeas do reino, era tambem um contingente aproveitavel: provocar na Galiza uma maior emigração, era outro recurso que não deixaria de produzir algum bom resultado: os mendigos — e bastantes ha — que se incontrassem em estado de poderem trabalhar, e talvez uma boa porção dos quinhentos asylados em 'Santo-Antonio': tudo isto, seriam porções que reunidas dariam um avultado número de trabalhadores com proveito do Estado e dos proprios, e, certamente, com vantagem para a Companhia.

Assumpto é este que demandaria grande desinvolvimento. Toquei apenas alguns topicos, e ás vezes com bastante receio de não ser intendido pela nimia concisão com que me expliquei: é natural porém que eu tenha de voltar á questão, e espero que será para manifestar a maior tranquillidade a todos os respeitos, pelo acêrto com que certamente será posta em execução a providencia a que me refiro.

EXECUÇÃO DE UM CAMINHO DE FERRO HYDRAULICO.

13 Os caminhos de ferro propagam-se em todos os paizes, e por todos os methodos: depois dos de vapor vieram os *atmosphericos*, e agora apparecem os *hydraulicos*.

Uma folha ingleza annuncia que acaba de se formar uma companhia para construir um caminho de ferro conforme os planos de E. Stuttleworth. A linha de Dublin a Sallers, que é a principal arteria de Dublin a Cork, vai estabelecer-se segundo este systema, e denominar-se-ha: *grande caminho de ferro de propulsão hydraulica*. O comprimento é de obra de 30 kilometros, e a empreza custará 83,000 libras, isto é, 2,760 libras pouco mais ou menos cada kilometro.

TRANSPLANTAÇÃO DAS ARVORES.

14 Para o bom resultado de toda a transplantação, é de grande importancia a seguinte recommendação. Cumpre antes de arrancar as arvores, quer seja nos viveiros quer nas florestas de córte, marcal-as na direcção de um ponto da sua orientação com um signal qualquer que seja, porém fixo e uniforme, a fim de as tornar a collocar ou plantar na mesma posição.

A causa d'esta util precaução tão facil, e que não traz comsigo despeza alguma, é a seguinte:

Ninguem ha que não tenha observado muitas vezes, que nas bolas tiradas do corpo das arvores serradas transversalmente, o coração da arvore não está quasi nunca no centro, e que está mais ou menos (algumas vezes muito) vizinho a um dos lados. De que procede pois este desvio? De que a arvore, pela sua fórma circular, apresentando cada uma das suas faces a outros tantos orientes diversos, aproveitou-se de uma maneira desigual das phases do sol; e se nos quizermos certificar das situações mais favoraveis á sua vegetação, conhece-las-hemos ao ver as porções de arvores serradas transversalmente antes de serem arrancadas. Com effeito bem se vê e intende, que na sua primeira posição a arvore não recebe a influencia do sol senão pela sucessão da sua passagem diaria de léste a sul e a oeste; que os lados oppostos de noroéste, norte, e nordeste ficam privados d'estes beneficios, e que por consequencia não podem adquirir o mesmo desinvolvimento.

CURA DO LINHO.

15 Acham-se na *Chronica de Courtrai* algumas particularidades que não podem deixar de inspirar um vivo interesse nos paizes onde os tecidos de linho são um ramo importante de industria.

Vai-se pôr em execução em *Courtrai*, dentro de pouco tempo, um methodo de invenção nova, que parece dever apresentar grandes vantagens, tanto á fiação *á mão* como á fiação *mechanica*. Tracta-se de curar o linho antes de fiado, por um modo descoberto por M. Mariotte, chimico de Bruxellas, que já por isso obteve um *privilegio de invenção*. Os linhos e estopas assim preparados foram fiados, tecidos e tinctos, e está demonstrado pelos differentes ensaios ja feitos, que assim o linho como a estopa soffrem éstas differentes manipulações muito mais facilmente do que os linhos e estopas crus ordinarios. O fio de linho assim curado tem mais força, é brilhante, pare-

ce-se com a seda, e tem todas as qualidades que se podem desejar para as diversas obras em que se empregam os fios de linha.

Em menos de um mez póde-se curar o linho, manda-lo fiar, fazer a têa, e assim curada entregá-lo ao commercio. E' facil de vêr que immensa utilidade este meio de curar o panno de linho deve causar em todos os ramos da industria respectiva. Poupa ao linho o cortimento, que sempre o altera ou mais ou menos, e transfórma o que é grosso ao estado de fino. Na fabrica de M. Feyerick, em Gand, fiou-se linho n.° 120, que sendo cru, não se poderia ter fiado do n.° 30.

Extrahimos ésta noticia d'um jornal francez que promette revelar-nos o methodo a que se refere n'algum dos seus seguintes numeros mensaes, e o qual revelaremos logo tambem aos nossos leitores; mas ja a noticia de per si nos pareceu interessante.

O VINHATEIRO.

16 Com este titulo vai o Sr. Dr. Francisco Pereira Rubião publicando pela imprensa, no Porto, em numeros successivos, uma obra que constará de tres volumes: o 1.° sobre a cultura das vinhas; o 2.° sobre o fabrico dos vinhos; o 3.° sobre a destillação das aguas-ardentes.

O primoroso trabalho do 1.° volume, ja publicado com as suas duas estampas, afiança igual primor dos outros dois: e o todo apresentará sobre este importantissimo objecto de riqueza nacional a obra mais completa e perfeita até hoje publicada no reino, ou fóra d'elle, pois que é a unica em que se comprehende e combina simultaneamente a plantação e grangearia das vinhas com a feitura dos vinhos e destillação de aguas-ardentes.

O Sr. Rubião, proprietario de vinhos no Alto-Doiro, depois de conduzir brilhantemente o curso de Sciencias-Naturaes e Medicina na Universidade de Coimbra, passou a residir por muitos annos em França, dedicando os seus talentos e estudos a profundar os diversos ramos que entram no vasto ambito da industria agricula; a possuir e acompanhar nos seus progressos a chimica applicada ás artes e á agricultura; e a especializar com singular esforço tudo o que toca á cultura das vinhas, para o que visitou os departamentos e locaes de França mais afamados ou pelos methodos de grangear as vinhas, ou pela qualidade dos vinhos e seu fabrico respectivo, ou pela destillação de aguas-ardentes: rectificando em toda a parte, e a todos os respeitos, a theoria pela pratica.

Com estes cabedaes especialissimos, que raras vezes se encontram em um só homem e escriptor, compõe o Sr. Rubião a sua obra em linguagem clara, preciza, e definida, aproveitando e applicando com admiravel escolha e criterio as doutrinas dos mais celebres enologistas desde os gregos e romanos, proseguindo pelos das nações que teem marchado á frente dos progressos d'esta industria; e não desdenhando, mas antes apreciando, os valiosos escriptos dos nossos compatriotas, Dr. *Rebello*, *Constantino Botelho*, e *Girão*, todos proprietarios e sabedores theoricos e praticos da cultura das vinhas do Alto-Douro; que apesar dos atrazos, imperfeições, e mau fado, que tem corrido, é todavia a primeira e mais adiantada eschola de lavoira das vinhas em Portugal; assim como a França, desde o seu patriarcha de agricultura, Olivier de Serres, tem apresentado sempre, e principalmente desde 1830 até hoje, o exemplar vivo, completo e perfeito, em tudo o que respeita á prosperidade, grangearia, e commercio dos vinhos e aguas-ardentes d'aquelle grande paiz, collocado no centro da região vinhateira da Europa.

Com effeito, a nova ordem politica da França, fixando desde 1830 no ânimo dos povos e do governo, a maxima fundamental, *de que o podêr, a paz e a prosperidade, dependem dos interesses e melhoramentos materiaes, tendo por base a agricultura como a primeira das industrias que sustenta a nação, e produz a materia e alimento de todas as outras industrias*, levantou á porfia o espirito e cooperação patriotica de todas as classes, profissões, e auctoridades a prol do augmento e melhoramento progressivo dos diversos ramos de agricultura, e entre elles dos vinhos e aguas-ardentes.

Para este fim tem concorrido simultaneamente: os mais distinctos enologistas, e as corporações scientificas com os seus escriptos; as sociedades de agricultura com as suas luzes e exemplo; a academia de industria franceza com os seus fecundos trabalhos, recolhendo e publicando ao mesmo tempo os melhoramentos, e recommendando os escriptos e escriptores; as auctoridades administractivas dos departamentos identificando-se com as sociedades de agricultura, estimulando e auxiliando os lavradores e a lavoura por todos os modos, e facilitando o transito e transporte dos generos com boas estradas departamentaes; as municipalidades cooperando com os meios e providencias, e entre estas com bons caminhos do municipio até se metterem nas respectivas estradas departamentaes; o governo, lealmente coadjuvado pelas camaras legislativas, adoptando as medidas mais favoraveis á agricultura e commercio, e, sôbre todas, imprimindo-lhe o impulso e movimento geral com vias fluviaes, e estradas de ferro cruzando a superficie da França, para o facil e rapido transporte dos generos até aos pontos do seu consumo e mercado interno ou de sahida para o externo; o commercio procurando e promovendo o mercado e a concorrencia das aguas-ardentes e vinhos de França em todos os paizes extrangeiros, com apropriação ao gôsto dos respectivos consumidores, zelando a reputação e qualidade dos vinhos nacionaes, e fazendo castigar os falsificadores; e os cônsules e agentes consulares protegendo e auxiliando em toda a parte este commercio, prestando todos os convenientes esclarecimentos locaes, e inspirando as providencias adequadas ao credito e interesse nacional.

Na presença d'esta licção viva da França, e sua applicação a Portugal, particularmente favorecido pela sua posição e clima para produzir vinhos excellentes, das diversas qualidades que se estimam nos varios mercados extrangeiros, e constituem o primeiro e mais importante objecto do nosso commercio de exportação, cabe ao Sr. Rubião a glória, e o grandissimo serviço de comprehender e resumir na sua obra o fructo maduro e apurado dos escriptos e experiencias dos enologistas e corporações scientificas da França, fecundado com os cabedaes proprios e applicado, com previdente segurança e certeza, ás

diversas exposições, terrenos e qualidades de vinhas e vinhos que se pertendam grangear.

Com o primeiro volume d'esta obra na mão todo o proprietario em qualquer parte de Portugal, desde a provincia de Tras-os-Montes até ao Algarve, está habilitado para saber escolher, apropriar, e conduzir com certeza de resultado, ou a plantação e cultura de novas vinhas, ou o melhoramento e grangeio das existentes, conforme a qualidade e destino dos vinhos; quer seja para venda em tavernas, quer para a mesa das classes ricas ou opulentas; quer para os mercados extrangeiros; quer para converter em aguas-ardentes, que sendo perfeitamente fabricadas não cederão para quaesquer usos ás melhores de França; quer finalmente para vinagres, que sendo legitimos e puros concorrerão no extrangeiro com os melhores de qualquer paiz, feitos de vinho, e terão preferencia indisputavel sôbre toda a especie de vinagres arteficiaes. Fazemos votos sinceros para que o Sr. Rubião tenha vida e saude para continuar e concluir a sua obra.

E por quanto a operação da poda das videiras é summamente difficil, ao mesmo tempo que d'ella depende ter o lavrador vinha e vinho; esperâmos por isso do patriotismo e profundo saber theorico e pratico do Sr. Rubião, que, concluida a sua obra, componha e publique em separado um *Manual do podador*, contendo as regras mais geraes e necessarias da poda, tanto das vinhas baixas como das altas; e quando estas forem *de enforcado* ensinando tambem a conveniente poda das arvores a que se encostarem as videiras.

Êste 'Manual' assim talhado para bem servir em escholas práticas de agricultura, guiará desde logo os podadores e os proprietarios inexpertos, para saberem praticar com acerto a poda na maior parte dos casos, e evitará golpes mortaes da cega ignorancia nos casos menos frequentes: devendo ao mesmo tempo generalizar-se o serviço do podão usado no Alto-Doiro, como o mais aperfeiçoado que se conhece em Portugal, e não consta que o haja mais perfeito em França, onde alias se tem aperfeiçoado varios outros instrumentos de lavoira.

Agora, se junto aos governos civis se formarem sociedades de agricultura, que de mãos dadas com as auctoridades administrativas e conselhos de districto, promovam e melhorem os diversos ramos da lavoira e economia rural, e influam para boas estradas centraes dos respectivos districtos administrativos e provinciaes, por onde se obtenha o mais facil e economico transporte dos productos industriaes de toda a especie, obrando conforme o pensamento da circular do Sr. governador civil de Beja, proximamente manifestada pela imprensa; se as municipalidades, entre as suas outras attribuições, se esmerarem em bons caminhos do concelho, por onde se transportem commodamente os generos, desde as casas e officinas do productor até se metterem nas estradas centraes dos respectivos districtos administrativos, ou chegarem aos pontos do seu immediato mercado ou depozito; se, por espirito de verdadeiro patriotismo e interesse nacional, se reunirem e dedicarem todas as classes, profissões, e individuos, para irem por diante e effectuarem com a possivel brevidade as medidas adoptadas pelo governo e camaras legislativas a bem da lavoira e do commercio, e entre ellas as vias por agua e as estradas geraes atravessando a superficie do reino, nas quaes se vão mettendo as centraes dos respectivos districtos administrativos, e por onde se transportem rapida e economicamente os productos de todas as industrias até aos pontos do seu consumo e mercado interno, ou de sahida para o externo; se o commercio se esmerar em procurar e promover nos paizes extrangeiros o mercado e concorrencia dos nossos vinhos, apropriados ao gôsto dos respectivos consumidores, zelando sobre tudo a pureza e reputação da sua qualidade, e fazendo escarmentar os falsificadores como inimigos da lavoira, credito e commercio nacional, e praticar outro tanto com os excedentes que ja vamos tendo de trigo e azeite; se finalmente os consules e agentes consulares protegerem e auxiliarem em toda a parte o commercio, prestarem todos os convenientes esclarecimentos locaes, e inspirarem as providencias adequadas ao credito e interesse nacional; se tudo isto se fizer e proseguir simultaneamente e com perseverança, conseguiremos, ao exemplo da França, o progressivo melhoramento e prosperidade da lavoira, industria e commercio, á sombra da ordem civil e politica, e da paz interior, sem a qual não é possivel haver nem agricultura, nem industria, nem commercio interno ou externo.

Lisboa 20 de junho de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

O excellente artigo que se acabava de ler, e que a Redacção muito agradece a seu illustre auctor, nos faz desejar outros da mesma natureza que instantemente lhe pedimos para bem do paiz. O Sr. Rebello proprietario agricula, membro da 'Academia da Industria' em França, e com estudos agronomicos muito vastos, a que reune tambem a prática, é dos mais proprios em Portugal para dar-lhe a instrucção rural de que ainda muito carecemos.

SAINFOIN OU ESPARCETO.

17 No dia 10 do corrente julho e seguintes achar-se-ha á venda no escriptorio da *Revista Universal Lisbonense* a semente d'este prado artificial, o melhor que se conhece, pois produz nos terrenos mais aridos, é de optima nutrição para o gado, e torna productivos ainda os terrenos mais estereis; os quaes finda a colheita do sainfoin, que dura sem nova sementeira por 5 ou 6 annos na terra, produzem depois uma optima colheita de trigo.

As vantagens da cultura do sainfoin vão hoje sendo geralmente reconhecidas em Portugal, e d'ellas teem feito especial menção os artigos 749 e 750 do 1.° vol. 813 do 2.° dito, 2379, 2427, e 3073 do 3.° dito da nossa *Revista*.

A semente é ja colhida este anno na quinta da Piedade em Santo-Quintino, do Sr. Dr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, é muito bem sêcca. Preço de cada alqueire 800 rs.

Desde ja se adverte que havendo como no anno proximo passado, muitas pessoas que a tinham incommendado, e não se sabendo os seus nomes nem a quantidade que cada um pertendia, os 90 alqueires que pouco mais ou menos será a totalidade de que se poderá dispôr, se venderão a quem primeiro os procurar.

Aos compradores se entregará gratis uma instrucção do modo de a semear, colher etc., que a *Revista* ja

publicou sob n.º 813, em n.º 1.º do 2.º vol. de 22 de septembro de 1842.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA. (*)

CAPITULO II.

Declaram-se typicas, symbolicas e mythicas éstas viagens. Faz o A. modestamente o seu proprio elogio. Da marcha da civilização; e mostra-se como ella é dirigida pelo cavalleiro da Mancha D. Quixote e por seu escudeiro Sancho Pança. — Chegada a Villa-Nova-da-Rainha. Supplicio de Tantalo. — A virtude galardão de si mesma; e sophisma de Jeremias Bentham. — Azambuja.

18 Éstas minhas interessantes viagens hãode ser uma obra prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do seculo. Preciso de o dizer ao leitor, para que elle esteja previnido; não cuide que são quaesquer d'essas rabiscaduras da moda que, com o titulo de *Impressões de Viagem*, ou outros que taes, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da sciencia e do adiantamento da especie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um symbolo... é um mytho, palavra grega, e de moda germanica, que se mette hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar.

É um mytho porque — porque... Ja agora rasgo o veu, e declaro abertamente ao benevolo leitor a profunda idêa que está occulta debaixo d'esta ligeira apparencia de uma viagemzita, que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feira de Leipsick, não das taes brochurinhas dos *boulevards* de Paris.

Houve aqui ha annos um profundo e cavo philosopho d'alem Rheno, que escreveu uma obra sobre a marcha da civilisação, do intellecto — o que diriamos, para nos intenderem todos melhor, *o Progresso*. Descobriu elle que ha dois principios no mundo: o *espiritualista* que marcha sem attender á parte material e terrena d'esta vida, com os olhos fittos em seus grandes e abstractos principios, hirto, sêcco, duro, inflexivel, e que póde bem personalisar-se, symbolisar-se, expressar-se pelo famoso mytho do cavalleiro da Mancha, D. Quixote; — o *materialista*, que, sem fazer caso nem cabedal d'esses principios, em que não cre, e cujas impossiveis applicações declara todas utopias, tracta so dos bens e commodos da vida real e tangivel, e póde bem re resentar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas, como na historia do malicioso Cervantes, estes dois principios tam avessos, tam desincontrados, andam comtudo junctos sempre, ora um mais atraz, ora outro mais adiante, impecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possivel ao progresso humano.

(*) Continuação da pag. 8.

E eis-aqui a chronica do passado, a historia do presente, o programma do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina elrei Sancho.

Depois hade vir D. Quixote.

O senso commum virá para o millenio; reinado dos filhos de Deus! Está promettido nas divinas promessas... como elrei de Prussia prometteu uma constituição; e não faltou ainda, porque — porque o contracto não tem dia; prometteu mas não disse para quando.

Ora n'esta minha viagem Tejo-a-riba está symbolisada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor intendesse agora. Tomarei cuidado de lh'o lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

Somos chegados ao triste desembarcadoiro de Villa-Nova-da-Rainha, que é o mais feio pedaço de terra alluvial em que ainda poisei os meus pés. O sol arde como ainda não ardeu este anno.

Um immenso arraial de caleças, de machinhos, de burros e arrieiros, nos espera n'aquelle descampado africano. É forçoso optar entre os dois martyrios da caleça ou do macho. Do mal o menos; seja este.

E acolá — oh supplicio de Tantalo! — vejo duas possantes e nedeas mulas castelhanas jungidas a um vehiculo, que, n'estas paragens e ao pé d'aquel'outros, me parece mais esplendido do que um landaw de Hyde-Park, mais elegante que um caleche de Longchamps, mais commodo e elastico do que o mais aerio briska da princeza Hellena. E comtudo — oh magico poder das situações! — elle não é senão uma substancial e bem apessoada traquitana de cortinas.

Togados manes dos antigos desembargadores, venerandas cabelleiras de anneis e castanhola que direis, ó respeitadas sombras, se d'esse limbo onde estaes esperando pela resurreição do Pêgas... e do livro quinto — vêdes este degenerado e espurio successor vosso em calças largas, frak verde, chapeu branco, gravata de côr, chicotinho de caoutchouc na mão, prompto a cavalgar em mulinha de Palito-Metrico como um garraio estudantinho do segundo anno, e deitando olhos invejosos para esse natural, proprio e adscripticio modo de conducção desembargatoria? Oh que direis vós! Com que justo desprezo não olhareis para tanta degradação e derogação!

Eu commungava silenciosamente commigo n'estas graves meditações, e revolvia incertamente no ânimo a ponderosa dúvida: — se o administrar justiça direita aos povos valia a pena de andar um desembargador a pé!... Luctava no meu ser o Sancho Pança da carne com o D. Quixote do espirito — quando a Providencia, que nos maiores apertos e tentações não nos abandona nunca, me trouxe a generosa offerta de um amigo e companheiro de vapor o Sr. L. S.: era sua a invejada carroça e n'ella me deu um logar até á Azambuja.

A virtude é o galardão de si mesma, disse um philosopho antigo; e eu não creio no famoso ditto de Bentham, que sabedoria antiga seja um sophisma. O mais moderno é o mais velho, não ha dúvida; mas o antigo que dura ainda, é porque tem achado na experiencia a confirmação que o moderno não tem. Jeremias Bentham tambem fazia o seu sophisma como qualquer outro.

Vamos percorrendo lentamente aquelle mal-composto marachão, que poucos palmos se eleva do nivel baixo e salgadiço do solo: de inverno não se passará sem perigo; ainda agora se não anda sem incommodo e receio. Estamos em Villa-Nova e ás portas do nojento caravanseray, unico asylo do viajante n'esta, hoje, a mais frequentada das estradas do reino.

Parece-me estar mais deserto e sujo, mais abandonado e em ruinas este asqueroso logarejo, desde que alli ao-pe tem a estação dos vapores, que são a commodidade, a vida, a alma do Ribatejo. Imagino que uma aldêa de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e commoda.

Oh! Sancho, Sancho, nem siquer tu reinarás entre nós! Cahiu o carunchoso throno de teu predecessor, antagonista, e ás vezes amo; açoitaram-te essas nadegas para desincantar a formosa *del Toboso*, proclamaram-te depois rei em *Barataria*, e n'esta tua provincia lusitana nem o paternal govêrno de teu estupido materialismo póde estabelecer-se para commodo e salvação do corpo, ja que a alma... oh! a alma...

Fallemos n'outra coisa.

Fujamos depressa d'este monturo. — É monótona, arida e sem frescura de árvores a estrada: apenas alguma rara oliveira mal-medrada, a longos e desiguaes espaços, mostra o seu tronco rachitico e braços contorcidos, ornados de ramusculos doentios, em que o natural verde-alvo das folhas é mais alva-cento e desbotado que o costume. O solo porém, com raras excepções, é optimo, e a trôco de pouco trabalho e insignificante despeza, daria uma estrada tão boa como as melhores da Europa.

Dizia um secretario d'Estado meu amigo que para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro todos os tres mezes. Quando se fizer a lei da responsabilidade ministerial, para as kalendas gregas, eu heide propor que cada ministro seja obrigado a viajar por este seu reino de Portugal ao menos uma vez cada anno, como a desobriga.

Ahi está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visiveis signaes de vida, aceadas e com ar de conforto as suas casas. É a primeira povoação que dá indicio de estarmos nas ferteis margens do Nilo portuguez.

Corremos a apear-nos no elegante estabelecimento que ao mesmo tempo cumulla as tres distinctas funcções de *hotel*, *de restaurant e de cafe* da terra.

Santo Deus! que bruxa que está á porta! que antro lá dentro!... Cai-me a penna da mão.

(Continúa.) *A. G.*

O ARCO DE SANT'ANNA.

19 A imprensa tinha ha muito discutido, larga senão profundamente, ésta publicação recente, e nova entre nós no seu genero. Ainda o 2.º vol. que deve trazer o complemento da obra, não appareceu, e ja a discussão se quer reanimar.

Vimos com pezar e tristeza na *Revista Academica* da semana passada, um artiguinho de pouca extenção e menos fundamento em que, começando por nos dizer que a *discussão andára desvairada porque deixára o fundo pela fórma, e antepozera a questão d'arte á questão social*, continúa e conclue sem tractar nem uma nem outra das taes questões, asseverando-nos por fim duas coisas que nós, francamente e por muito que nos custe, temos obrigação de declarar que são falsas.

Uma é — que o facto em que se funda o romance é mera ficção da phantazia do poeta:

Outra — que vistas as tendencias do seculo não ha que ter receio das tentativas do clero.

A auctoridade de Duarte Nunes em que se estriba a primeira d'estas asserções, é das mais fracas e suspeitas da nossa história. Com a *España sagrada*, e com argumentos e auctoridades de outra polpa lh'o mostraremos quando queira disputar. A tam laconico dizer basta por ora ésta resposta.

Mais curta é ainda, porém mais terminante, a resposta que damos á segunda. Remettemos o A. do artigo á leitura dos jornaes francezes do mez passado, *signanter* á sessão da camara dos deputados de França de 2 de maio último.

E por emquanto fiquemos aqui.

Ha porém no mesmo artigo um periodo que precisa correcção: não pertendemos dar-lh'a, estamos certos que lh'a dará o público; mas desejariamos antes que a corrigisse a redacção d'aquelle esperançoso jornal, como decerto lhe fará muita honra.

Eis-aqui o periodo.

« O A. do Arco de Sant'Anna julgou que... devia « ir revolver as chronicas á cata de um facto escanda« loso... atirar com elle ás turbas... e dizer-lhes: *Ahi « tendes o que é o clero, odiai toda essa classe...* »

Estas coisas não se escrevem, accusações d'estas não se fazem — desde o P. Alvito Buella de saudosa memoria. E nós conhecemos tanto alguns dos redactores da *Revista Academica*, sabemos tanto que elles são incapazes do vilisimo officio de calumniador, que estamos certos foram illudidos por quem lhes mandou o artiguinho, e não repararam no alcance d'estas descomedidas palavras.

No artigo que hoje inserimos na Revista, com muita decencia e boa-fe se allude a uma accusação parecida com ésta — accusação muito menos grosseira, posto que não mais fundada.

O A. d'este elegante e primoroso artigo, que nós publicâmos com muita satisfação, mais refere do que faz sua a dita accusação: e n'isso mostra sua boa-fe e delicadeza. Diz-se que o A. do 'Arco de Sant'Anna' pertende oppor-se á reacção religiosa do seculo presente e fazer com que voltemos ao philosophismo do seculo passado. A asserção parece-nos de todo infundada.

O A. do romance bem claro e positivo se expressa sôbre essa reacção religiosa e moral que elle tanto applaude, tanto approva, e, sem receio de muito aventurar, cremos podêr dizer que bastante ajudou entre nós. Ou nos erram muito bem fundadas conjecturas, ou a pessoa que suppomos ser, pelo menos, *editor* do 'Arco de Sant'Anna' é a mesma que em outras obras bem conhecidas levantou o pendão d'essa reacção, que a dirigiu, que a excitou, que fez mudar os que ja estavam n'outro caminho, que instigou a começar n'elle os que ainda não tinham começado. E se a historia litteraria d'este seculo em Portugal forçosamente tem de confessar (ainda que a escrevam os mais invejosos inimigos) que a reacção, que a revolução moral da nossa litteratura foi capitaneada pelo A. de *Camões*, de *Catão*, de *Adozinda*, do *Alfageme*, do *Gil-Vicente*, de *Fr. Luiz de Sousa*, do *Tractado da Educação*,

do *Portugal na Balança da Europa* e de tantas obras em tantos e tão diversos generos — a critica contemporanea tambem não poderá, sem injustiça, accusar o A. ou pelo menos o editor do 'Arco de Sant'Anna' de querer obstar a essa reacção.

Bem claro, repetimos, o diz elle no prologo: essa reacção, louva-a, que-la, ajuda-a com todos seus desejos e esforços; mas não quer que a torçam os interesseiros e materialistas do seculo em seu damnado proveito, não quer que os fanaticos e os hypocritas a grangeiem em sua ganancia, que é ruina da relegião, da moral e da sociedade. Eis-aqui o que elle não quer. Contra essa reação, cuja bandeira elle levantou em Portugal — e talvez na Peninsula toda, e que depois foi seguida por tam honrados e brilhantes espiritos, elle não levanta agora nova e opposta bandeira; não, certo: levanta-se a infileirar-se na denodada phalange em que militam os Montolosiers, os Chateaubriands mesmo, os Delamartines, os Eugenios Sue.

Pouco sabe, ou muito finge ignorar do movimento social e litterario da Europa quem não vê o proprio A. das *Meditações Poeticas* e da *Viagem ao Oriente*, combater, em nome do Catholicismo, os falsos christãos e os falsos sacerdotes, que querem hastear a Cruz do Redemptor como vehiculo do despotismo, do obscurantismo e da intolerancia, quando elle poeta, elle e os seus predecessores, e os seus seguidores, (apostolos e prophetas do seculo) a tinham feito amar e adorar dos povos, por que lh'a mostraram abraçada com a liberdade, porque viam pregada n'ella, com os braços abertos, a Verdade Eterna o *Verbo increado* da Salvação.

A memoravel e ja citada sessão de maio na camara dos deputados de França, deve tirar todas as dúvidas aos que não vêem ainda bem claro a presente conspiração da oligarchia ecclesiastica, contra as liberdades e contra a civilisação dos povos. Não é so o eloquente e ponderado discurso de Mr. Thiers, são as tristes respostas de Mr. Berrier, são as confissões e promessas do ministerio francez, as que provam a existencia, a extenção e amplissimas tenções d'essa conspiração.

Ja disseram por ahi gentes que em Portugal não havia perigo nem receio d'essa conspiração. Ignorâmos em que se fundam os que tal dizem; desconhecemos o poderozo *isolador* que esses estadistas tenham descuberto para nos não chegar o impulso. Ignoramo'-lo tanto mais, quanto vemos na nossa terra menos geral a illustração, menos conhecida a religião santa de que se abusa, menos intendido o Evangelho, a lei da liberdade e da igualdade, em cujo nome todavia por tantos seculos nos imposeram o despotismo.

E receia-se em França o que em Portugal não mette medo!

Para nós é claro que o A. do 'Arco de Sant'Anna', tam bom christão como bom patriota, o que quer é que a reacção religiosa não seja sophismada. Tambem para nós é claro que elle não teve a louca pertenção de suppor que com um romancinho se fazem ou desfazem reacções; mas que sabe, conhece e crê que a reacção moral e religiosa do principio d'este seculo foi em grande parte trazida pela poesia e pela litteratura, que a não trouxeram em nenhuma parte, e *em Portugal menos que em parte alguma*, nem as prégações dos padres, nem os seus escriptos — e quasi que tinhamos vontade de dizer, nem os *seus exemplos*.

Não quer, não quer decerto — nós o jurâmos por elle — não quer o A. do 'Arco de Sant'Anna' que voltemos ao *Philosophismo* que tudo derrancou. Como o hade querer elle, elle que o denunciou, elle que o escarnece, que o accusa que o fustiga, elle *primeiro homem liberal* de Portugal que ousou fazê-lo, e conservar-se liberal, e protestar que a liberdade, que a san philosophia, que a verdadeira sciencia e a verdadeira politica o renegavam e expulsavam?

Quem ousaria em Portugal voltar ás insensatas e ridiculas blasphemias do philosophismo encyclopedico depois que o fulminou para sempre na tribuna um deputado liberal, tantas vezes proscripto por liberal, perseguido por liberal, o Sr. Almeida Garrett?

Não o crê o elegante e erudito escriptor do seguinte artigo: não o crê, e declara que o não crê. Tam pouco o crê o *imprudente* escriptor d'ess'outro em que fallâmos e que tanto excathedra, em tam poucas palavras julgou uma obra d'aquellas.

Est'outro artigo, que inserimos, responde a si mesmo e responde ao jornal de Coimbra. Ficâmos que ésta será a opinião de quantos o lerem como elle merece por que é modelo de stylo, de elegancia e de cortezia: é critica como a sabem fazer pessoas de bem quando para a honrarem e se honrarem a si, tomam a penna.

***

O ARCO DE SANCTA ANNA.

O 'Arco de Sancta Anna' é um romance, que ultimamente por ahi tem dado muito que fallar. Uns dizem, que o livro fôra escripto de proposito para obstar a completar-se no seculo actual, e nos seguintes, (*) a reacção a favor da religião e da crença, que tanto se ia adiantando contra os principios de immoralidade e corrupção, que o seculo precedente n'os havia legado; outros acham, que o romance é uma coisa a modo de folhetim de periodico de opposição, feito de caso pensado e a sangue-frio, para preparar a opinião eleitoral, e dar com todos os votos de malhão sobre o descocado estudante Vasco, ou em quem com elle se pareça: estes vêem alli uma satira allegorica contra imaginarias notabilidades da presente epocha; aquelles teimam, que, á imitação dos habeis romancistas da Europa, o auctor do 'Arco de Sancta Anna' quiz formar um quadro, onde n'os fizesse ver as idêas e os costumes da nossa idade média junctos a um facto notavel na historia d'esse tempo: e tambem não falta quem se persuada, gente simples, que foi realmente um manuscripto achado entre varios calhamaços que parávam na deserta livraria do convento dos Grillos, porventura composto pelo Padre Mestre Fr. João d'Arrifana; tanto ao vivo acham elles pintado o retrato do reverendo, que sómente por elle proprio têem por possivel que fôsse feito!

No meio d'esta prodigiosa variedade, e incerteza de opiniões, todos concordam em um ponto essencial para o merecimento litterario do romance, e é que o seu estilo possue toda a belleza e propriedade que se requerem n'um similhante genero de composições; até, quem o pensaria, até a mesma seita dos *Piégas*, avêssa por força d'instincto a uma producção de merecimento tão subido, ficou de queixo cahido e bôca á banda, quan-

(*) Veja a nota que precede este artigo.

do viu resurgir a orthoxia litteraria tão formosa por entre os montões do entulho heretico, em que a tal *pieguice* a havia sepultado! A critica, essa caprichosa sultana da litteratura, que com rasão aborrecida e enfastiada dos *Piégas*, ha tanto tempo dormia lethargico somno, tambem acordou agora muito esperta, e vividoira; o 'Arco de Sancta Anna' foi agua-ardente de cem graus, com que a senhora critica levou pelas meninas dos seus olhos, pestanejou, pestanejou, e afinal saltou sobre o 'Arco' com tal frescura e segurança, que decerto elle tem, como os das aguas-livres, algum passeio por cima construido fortemente para ahi se poder andar com toda a soltura e desembaraço. O romance tem sem duvida comsigo alguma attracção talismanica: uns o louvam, outros o censuram, mas todos o querem ler; e tambem nós humilde, e pequena familia de insectos imperceptiveis no paiz das bellas lettras tivémos appetite de ler o 'Arco de Sancta Anna' e, por não ficar em mingua com a moda, de dizer alguma coisa a respeito d'este ja celebre monumento da nossa litteratura nacional: ahi vai pois sem mais preambulos o que n'os pareceu, principiando pelo prologo.

Diz o publicador do romance que, o motivo porque este sai á luz do dia, é para neutralisar o mau effeito que as obras de Walter Scott, Chateaubriand, Lamartine, e de muitos outros escriptores illustres iam promovendo no espirito da geração actual. Saudosas recordações, compaixão, amor mesmo pelos monumentos desamparados, e por algumas, hoje abandonadas, instituições da idade media iam renascendo na Europa; a campina sêcca e desolada do arido scepticismo, em que o seculo 18 se mirrou desesperado, succediam os prados viçosos e amenos da crença e sentimentalismo religioso, regados e animados pelo enthusiasmo, e pelos esforços litterarios de uma mocidade brilhante, cheia de vida, de desejos, e de esperanças! Já não era do *grande tom* ser incredulo; já os pequenos auctores não precisavam de escrever por força alguma coisa contra o Christianismo para poderem alcançar a graça, mais que efficaz, de um benevolo sorriso, e curto mas lisonjeiro louvor da parte dos grandes philosophos e colossaes litteratos: a religião tornava a ser moda, os costumes doces e puros, e com elles a felicidade social, ganhavam terreno. Tudo isto diz, e affirma o author do prologo, quando a paginas 9 se explica d'este modo: « Ganhava a tolerancia, ganhava a moral, ganhava a religião com ella; porque em verdade o philosophismo do seculo passado tinha *derrancado* tudo á força de corrigir, e apperfeiçoar. » Ora, se pela confissão do proprio auctor do prologo o philosophismo do seculo anterior tudo *derrancou*, porque n'os vai logo depois o mesmo prologo dizer a paginas 11 que esse seculo tem direito para n'os arguir de inconstantes e ingratos, como desacreditadores, deshonradores, sophismadores, e annulladores da sua missão?! Como?! Porventura quem *derranca tudo* terá direito para queixar-se contra aquelles que procuram salvar alguns restos puros e incolumes, que por milagre escapassem do *derrancamento* universal?! Teremos nós de fazer ainda o processo monstro a Noé porque poz em coberta enxuta as reliquias do genero humano?! Isto é na verdade incomprehensivel! Não negâmos, antes confessâmos, que o seculo 18 derrocou completamente a oligarchia ecclesiastica que nos tempos da idade media tanto mal causára ao verdadeiro espirito religioso, o qual deve proteger, e jámais escravisar os interesses e a liberdade da sociedade humana; mas que substituição se deu então a essa com tanta justiça derrocada oligarchia? O atheismo, o scepticismo, a desmoralisação, isto é, o *derrancamento de tudo.* Tambem o seculo 18 destruiu uma por uma, moral e materialmente, as loucas pertenções do feudalismo brutal, que pesava terrivelmente sobre a humanidade oppressa, e a invilecia degradando-a do seu sublime character; mas por quem foi substituido o elemento *governativo*, embora monstruoso, que o feudalismo offerecia? Primeiro pelo despotismo dos reis, depois pela succession rapida e interminavel de revoluções desnecessarias e medonhas, pela habilidade especuladora de desalmados *agiotas*, pela dictadura sanguinaria e barbara de obscuros tribunos, e sôbre tudo pelo egoismo desmoralisador, queremos dizer: pelo *derrancamento.*

Foi para estabelecer uma linha de separação entre este fatal *derrancamento* e o que ainda existia puro na sociedade, que os escriptores mencionados pelo auctor do prologo, se reuniram em um unico e magestoso pensamento, qual foi o de restaurar do abatimento em que jazia a velha crença religiosa sempre boa, e sempre consoladôra. Esses homens inspirados conheceram, que o philosophismo encetára uma obra justa no seu principio, vantajosa nas suas consequencias, como era a destruição da oligarchia clerical e do feudalismo mixto; mas viram tambem, que o mesmo philosophismo por incognito impulso de seu philosophico destino, querendo exclusivamente empregar o elemento sceptico, tudo confundiu e *derrancou*, substituindo um cahos a outro cahos, e ás folias da estupidez os desvarios da intelligencia. Acharam então que sómente na religião estava o elemento verdadeiro e proprio para dar firmeza e duração a uma nova ordem de coisas, que sendo visivelmente boa e civilisadora, comtudo acabava sempre pela confusão e *derrancamento*: levantaram-se nos diversos pontos da Europa essas vozes poderosas, e cheias de persuação e encanto, que fizeram accordar do mais desastroso adormecimento muitas intelligencias superiores, que por não reflectirem um pouco, se deixavam arrastar, como cegas, no meio do quasi geral delirio. Abriram finalmente os olhos, fixaram-n'os sôbre o mundo, e sôbre ellas mesmas, e comprehenderam quanto convinha pôr termo a tão desatinada carreira; abraçaram-se com a religião, como o unico centro natural e capaz de sustentar os homens nas suas tentativas de razoavel civilisação, e bem intendido progresso. Estes grandes genios foram intendidos e seguidos, porque na verdade é preciso um enthusiasmo extraordinario para não perceber que o scepticismo traz forçosamente o egoismo comsigo, e sendo o egoismo na sociedade humana por sua natureza centrifugo, não póde servir de centro á existencia de corpo algum social. D'esta convicção, que entrou no espirito de grande parte dos homens pensadores, nasceu a reacção religiosa que desde os começos do seculo actual se tem felizmente sentido.

Não pertendemos assegurar que, entre os individuos de que se compoem a classe ecclesiastica não haja quem, vendo succeder ao orgulho sceptico a

benevolencia religiosa, nutra esperanças de tornar outra vez a empoleirar-se sobre a liberdade espiritual, e bens temporaes dos fieis; estamos persuadidos de que é isso muito possivel, não só porque ha muito padre sceptico, mas até porque em trôco de um Pedro Celestino, que resigna o pontificado, apparecem meia duzia de Bonifacios que por elle estão morrendo! mas porventura será mister, que, por medo de ser cavalgadas por algum padre, n'os lancemos de novo nos braços do philophismo, que tudo *derrancou?* Não haverá um meio termo entre *cavalgado* ou *derrancado?* Supponhamos que o amigo padre, vindo a modo de quem não quer a cousa, escondido por detraz de Walter Scott, Chateaubriand, e Lamartine, firma de repente os pés no chão com uma força, que faz tremer a terra, inteiriça-se e aperta os dentes, como um indemoninhado, e dando um pulo diabolico tracta de se escarranchar sobre nossos cachaços livres, e ha muito tempo desacostumados de similhantes cargas talares: não teremos o recurso de o sacudir por cima de um tojal, ou dentro de um atoleiro, antes que corrermos com elle a um precipicio infallivel, em que todos devemos acabar, como fez Sansão, e como ia fazendo o cavallo de D. Fuas Roupinho nos pincaros da Pederneira?! Pois os govèrnos não terão força bastante para conter o clero dentro dos limites, que lhe estão marcados? É uma verdade incontestavel que sem ministros não póde existir a religião; mas porque estes ministros são susceptives de conspirar, passemos sem elles, deixemos de gozar os effeitos civilisadores e beneficos que n'os promettia a reacção romantico-religiosa, e voltemos sem demora ao philosophismo, que tudo *derrancou*! Escrevam-se romances que desfaçam depressa as saudaveis impressões, que com trabalho, e vagar iam fazendo o 'Mosteiro', o 'Abbade' os 'Puritanos de Escocia, os 'Martyres' a 'Viagem ao Oriente' etc.? Somos sinceros, e por isso declaramos francamente que n'os desagrada este pensamento. Se o clero urde uma vasta conspiração com o fim de tornar aos tempos em que o Arcebispo de Braga D. Lourenço andava na guerra dando catanada de criar bicho nos scismaticos dos castelhanos, pedimos a quem tiver d'isso noticia, que revele os nomes dos chefes e dos instrumentos, que se empregam em tão criminosa como anachronica pertensão; é um dever sagrado, de que ninguem se póde dispensar sem deshonra; cem annos de continuados esforços da civilisação contra a ignorancia valem bem a pena de que não haja quem hesite um momento em declarar á face do mundo inteiro, o que sabe de tenebrosas machinações tramadas por clerigos traidores á patria, assim como ao seu proprio instituto; porém que se escreva um romance para tornar suspeita e aborrecida uma classe de homens, de cuja existencia a religião do paiz não póde prescindir, e que se inventem factos imaginarios, todos elles abominaveis, para transtornar as cabeças da multidão, que lê e não reflecte, é isto o que n'os parece dar á justiça de menos o que dá de mais ao perigo: é o mesmo que faria um valente espadachim, o qual para vingar-se do seu offensor, em uma sala de companhia, apagasse primeiro as luzes, e amiudasse depois as cutiladas á direita e á esquerda. Quantos innocentes cahiriam victimas d'esta vingança de amouco?

Ainda bem que o pensamento annunciado pelo auctor do prologo como presidindo á publicação do 'Arco de Sancta Anna', não produz no romance o effeito que o mesmo auctor promette: seu proprio coração o trahiu; cuidou que hia por uma estrada, e foi por outra. Passemos já a esmiuçar este phenomeno notavel no romance, onde tudo é bello, e deixemos o prologo, que n'os afflige e violenta, por isso que o auctor o escreveu talvez em occasião que se achava de mau humor, e se lhe figurou descobrir no romance um pensamento que lá realmente não existe; examinemos. Um bispo soberbo e vicioso, abusando hypocritamente da sua dignidade sagrada, sómente d'ella se serve para conter o povo em respeito, em quanto o vai continuamente opprimindo com toda a qualidade de vexações e tyrannias. Os foros e direitos feudaes, que seus vassallos lhe pagam, são cobrados com o maior desavergonhamento e crueldade; a insolencia do maldicto Pero-Cão, almudeiro do prelado, não guarda pêso nem medida; e como se não bastàra extrahir aos pobres homens do povo o derradeiro ceitil das algibeiras, lá vai Pero-Cão á frente de uma cafila de brejeiros, que se acoitam no paço episcopal, *almudar-lhes* tambem as mulheres e as filhas, que tiveram a desgraça de excitar a muito respeitavel concupiscencia de S. illm.ª É com um d'estes factos altamente escandolosos que o 'Arco de Sancta Anna' nos entretem, tomando-o por seu assumpto principal. Havia partido para Lisboa cuidar de certos arranjos domesticos um ourives do Porto, cazado de pouco tempo com uma rapariga de vinte annos, chamada Anna, tão virtuosa como bella, que fazia a felicidade do bom ourives, tendo-lhe ja dado um filhinho por premicia da ternura conjugal. Durante a ausencia do marido o bispo por acaso bispou as feições graciosas da amavel Anninha, e no mesmo instante se ateou em S. illm.ª a chamma da concupiscencia, que para estar sempre accesa, segundo conta a historia, uma braza lhe bastava! Desde então começou o bispo de buscar todos os modos possiveis com que satisfizesse a infame paixão que o atormentava; Pero-Cão principiou logo as suas visitas ao arco de Sancta Anna. Promessas, ameaças, inganos, terrores, tudo foi posto em jogo para obrigar a virtuosa Anninha a sujeitar-se ao energico appetite ecclesiastico de S. illm.ª; porem tudo inutilmente, porque a joven espoza, fiel aos seus deveres, rejeitou com altivez e desabrimento, as infames offertas que se lhe faziam; e ainda que não deixava de temer a fulminante vingança do bispo desprezado, nem assim mesmo succumbiu á malvada vontade d'elle.

Eis-aqui o que nos conta o romance em um dialogo da meiga Anninha com a sua joven amiga e vizinha Gertrudes. Este dialogo modêlo de simplicidade e de pureza, tanto ao natural retrata a ingenua linguagem e credula conversação de duas raparigas do povo, que não temos pejo de confessar que n'este genero ainda não lemos cousa portugueza de merecimento maior. Pero-Cão faz uma das suas usadas avançadas nocturnas; a innocente Anninha vê-se arrebatada para os paços episcopaes; e é no dia seguinte á noite do rapto que o padre mestre Fr. João da Arrifana, intimo amigo e valido do bispo, subia pelas sete horas da manhan as sonóras escadas do paço. A pintura do frade e a sua subida

pelas escadas acima, é uma das mais lindas coisas que havemos lido na nossa vida; aquelle sorriso malicioso brincando por entre as roscas das bochechas gordas e córadas; aquelle impulso dado á formidavel barriga logo ao trepar o primeiro degrau... parece até que se está ouvindo o surdo bater do cordão de esparto pelas pregas do hirto borel do habito: quem ha ahi, que não ficasse conhecendo o padre mestre Fr. João da Arrifana, que não assistisse com elle em varias *patuscadas* por occasião do peditorio, e que lhe não ouvisse as retumbantes gargalhadas, que dava, e chascosas historietas que contava para divertir os bemfeitores? Dois traços dados em um retrato como este de Fr. João, bastam para classificar o pintor de primeira ordem. Pois a beata Briolanja Gomes! O brio, coragem e desfastio escholastico do bravo e ingenuo estudante Vasco! A paternidade, e pachorra classica de Martim Rodrigues, e de Gil Eannes seu companheiro! E' uma galeria de paineis tão primorosos, tão bem acabados, que não se sabe qual escolher por pena dos que ficam! Não nos lembrâmos de ter rido tanto, e com tamanha vontade, como quando vimos os dois *Edís portuenses* n'aquella falsa, mas galantissima posição, entre o bispo que os repellia e o povo que os empurrava; e seis linhas foram sufficientes para completar uma descripção tão perfeita, que outros em um livro inteiro não conseguiriam esboçar: a isto é que nós chamamos e sempre chamaremos mão de mestre, e venham cá os *Piegas* contradizer-nos!

Quanto ao estillo contentar-nos-hemos de fazer observar a flexibilidade admiravel com que o auctor sabe amoldal-o a todas as situações: rapido e desigual, no dialogo tumultuoso do povo amotinado; ligeiro e simples, quando estão conversando as duas joveus amigas e vizinhas do arco de Sancta Anna; grave e ronceiro, nos pansudos discursos de Martim Rodrigues; aspero e incisivo; no excommungado de Pero-Cão; estafador, no fanhoso mas agudo falsete da veneravel Briolanja Gomes; fluido e variado, nas descripções e narrações. N'uma palavra o auctor vive com as suas personagens, conversa com ellas, e, sem que nada lhe escape, nos vem depois contar quanto viu e ouviu, com tal exactidão e habilidade que nós as ficâmos conhecendo, como se lá tambem houvessemos estado. Pelo que toca aos characteres diremos afoutamente, que desde a primeira pagina do livro até á ultima nenhum encontrámos que se desmentisse; todos são o que devem ser, e se conservam como convem: é verdade, que se falla na polka, e em Mr. Pigeon; é verdade, que a respeito do perro de Pero-Cão se affirma ser homem quasi parlamentar; porém estas allusões leves e abstractas, que os leitores podem applicar assim ao *Sobrecú* de Cromwel como ao senado de Mario, não desconsideram por algum modo o 'Arco de Sant'Anna'; pelo contrario, augmentam-lhe o interesse e formosura; foi um prazer mais, que elle nos procurou. D'estas allusões usou em alguns de seus romances o immortal Walter Scott, e já primeiro as tinha usado tambem nos seus o ingraçado Fielding. Tractemos de resumir porque ja vamos sendo mais longos do que desejavamos: o 'Arco de Sant'Anna', é um livro bem delineado e optimamente escripto. Ha um bispo orgulhoso e libertino, que pertende cobrir com o respeito das vestes pontificaes a pratica das suas infames acções; o povo opprimido com as mais inauditas violencias, amotina-se, e pede alivio para tamanha oppressão; um rei severo, porém justo e amigo do povo, vai entrar em scena para punir o criminoso mitrado, que se acha com direitso de sobejo a um exemplar castigo: eis a materia que compõe o primeiro volume do 'Arco de Sant'Anna'; em tudo isto nada ha que não mereça approvação dos homens de bem, e de crença religiosa e christan. Não teriamos por tanto razão quando dissémos, que o auctor do prologo viu no romance um pensamento que alli realmente não existe?! Porventura o descredito dos bispos corrompidos não dá cada vez mais realce ás qualidades verdadeiramente evangelicas dos prelados virtuosos?! Dissémos, que o coração trahiu o auctor, porque, se assim não fôra, não houvera elle apresentado em frente do bispo o bello contraste do venerando arcediago de Oliveira, o respeitavel Paio Guterres! Parece-nos estar ouvindo Chateaubriand a descrever Belisario no meio da corrupção do baixo-imperio: « C'etait un de ces hommes qui paraissaient de « loin á loin dans les jours du vice pour interromre le droit de prescription contre la vertu. » Este character de Paio Guterres é de uma perfeição consoladora; pena é que o auctor lhe não concedesse maior desinvolvimento; appellamos para o segundo volume, em que não deixamos de ter muito firmes esperanças. Não é possivel que a intelligencia superior e generosa, que soube imaginar um Paio Guterres, escrevesse de proposito para desconceituar o clero geralmente, e o tornar suspeito e odioso; o bispo, esse padre desmoralisado e preverso, que roubou a um marido honrado a esposa amavel e fiel, delicias e felicidade da sua vida, na verdade estamos fumegando por vêl-o, sem perda de tempo deposto com infamia da cadeira que deshonra; porém confessâmos sinceramente que não queremos depois d'isso ficar sem bispo nenhum; desejâmos que venha outro bispo, e que este necessariamente seja Paio Guterres, o arcediago de Oliveira.

F. L. de A. V. da F.

CONCERTO DO SR. DADDI.

20 O CONCERTO do dia 27 do passado executado em S. Carlos em beneficio do Sr Daddi foi realmente dos mais brilhantes que temos ouvido. Não ha hoje logar para largas considerações; mas não deve faltar para fazer fazer honrosa menção da distincta maneira com que o Sr. Daddi executou todos os trechos de piano que com o melhor gôsto escolheu para ésta noite. A' bravura e delicadeza reuniu o illustre artista o colorico, a limpidez e a expressão de mui distincto pianista. O Sr. Daddi teve momentos, principalmente na phantazia sôbre a 'Somnambula', em que *sentiu* e fez *sentir* a bella musica que executava.

E' digno de mencionar-se tambem: as variações de violoncello executadas pelo Sr. Cossoul Junior; a phantazia de flauta pelo Sr. Santos; e o duetto dos dois baixos da Opera *Marino Faliero*, onde o Sr. Theodoro cantou pela primeira vez em público. Com a sua bella presença de theatro, e com a boa voz que tem o Sr. Theodoro póde fazer uma optima carreira artistica, estudando os segredos do canto dramatico, que como hoje se comprehende e executa pela eschola moderna, tem certa expressão que lhe é propria, e pela

qual mais que tudo são avaliados os artistas de canto nos principaes theatros do mundo.

VARIEDADES.

COSTUMES.

21 Por occasião das festas populares d'este mez — Santo-Antonio e San'João — notou-se pelas ruas de Lisboa a repetição de um costume que talvez sería prudente reprimir. Quero fallar d'esses pequeninos altares que se armam pelas ruas, com a imagem d'aquelles santos, mais ou menos infeitados, e em roda dos quaes se ajuntam rapazes e crianças, pedindo até á importunidade, alguma esmolla a quem passa, para certo brinquedo a que elles chamam *festa de Santo Antonio*.

Mesmo sem fazer observar a impropriedade d'este mau-costume pelo lado religioso, e ainda pelo da polícia d'uma capital, para que se não diga que damos demasiada importancia a éstas práticas pueris, parece-nos comtudo dever fazer uma breve consideração pelo lado moral sôbre a inconveniencia — o perigo talvez — de permittir que se deixe contrahir em tão pequenas idades o habito da mendicidade. A avidez com que éstas crianças pedem, a especie de triumpho que ostentam quando alcançam, o mau uso que fazem muitas vezes do pouco dinheiro que obteem, são circumstancias que podem fazer receiar, mormente nas suas idades, a origem das idêas de mendicidade que mais tarde virão a desinvolver-se. Acha-se n'estas práticas, que alias parecem tão pueris, o estimulo do mendigo, a fruição do dinheiro obtido sem trabalho, e sobretudo o perdimento do pejo de mendicar.

CORREIO ESTRANGEIRO.

22 Estabeleceu-se na Hispanha uma companhia denominada *azucarera peninsular*, destinada a commerciar no fabrico e refinação de assucar nas costas da Andaluzia. Mandaram vir os apparelhos necessarias da França.

Julgâmos que entre nós ha privilegios concedidos para a fabricação do assucar de betarraba e não sabemos se tambem de batatas; comtudo este genero de especulações commerciaes acha poucas sympathias no nosso paiz: quer-nos parecer porém que ellas deveriam ser, pelo menos, tão lucrativas como outras a que geralmente se entregam os capitaes com vivo enthusiasmo.

No dia 15 do passado debutou o tenor Tamberlick no theatro do 'Circo' em Madrid, na opera *Parisina*. O illustre tenor que tanto applaudimos no nosso Theatro-italiano foi egualmente bem accolhido pelos madrilenses.

Uma empresa litteraria summamente curiosa vai apparecer na Hispanha, é a publicação de todas as lendas, tradições, historias e contos populares d'aquelle paiz romanesco. Ésta interessante collecção hade chamar-se — *As mil e uma noites hispanholas*.

O *Tempo*, o *Espanol*, e o *Heraldo* começaram a publicar-se em Madrid no formato do *Times* do 1.° de junho em diante.

Uma coincidencia notavel se dá ao mesmo tempo em tres diversos pontos do globo. Em S. Petersburgo o melhor actor do theatro-nacional, Karatigine, vem viajar pela Europa para observar os seus theatros mais afamados. Lombia artista dramatico e professor da eschola de declamação no Conservatorio-real de Madrid, acha-se em Paris, onde foi com a missão de estudar o theatro francez pelo lado da arte e da administração. E do Rio-de-Janeiro parte igualmente o melhor dos artistas dramaticos brazileiros com o mesmo fim de estudar os theatros da Europa.

Diz-se que a rainha Christina offerecêra ao papa uma tiara cujo valor se estima em 100,000 francos, e na qual fizera alguns ornamentos pelas suas proprias mãos.

Trez dias depois da chegada de M. de Lamartine a Macon, sua patria, de volta de Paris, a sociedade Orpheonica d'aquella cidade com a idêa de lhe dar um concerto, foi ao palacio de Monteceau, onde o illustre deputado tinha reunido alguns amigos: grande número de pessoas de todas as condições acompanhavam aquella sociedade com o fim de cumprimentar M. de Lamartine. A presença de M. Liszt augmentava o interesse e dava mais um motivo a ésta reunião. O celebre pianista tomou a palavra e rompeu as saudes ao illustre poeta. Daremos um trecho d'este discurso e outro da resposta, por ambos serem pintura fiel do character do insigne artista que tivemos a satisfação de conhecer e applaudir aqui em Lisboa.

«Dai-me licença, senhores, disse elle, para que eu, ainda que extrangeiro, possa romper uma saude a M. de Lamartine.

« Não hei de fallar d'elle porque para dignamente o fazer sería necessário roubar-lhe alguma coisa da sua grande e harmoniosa eloquencia, que é tambem grande e harmoniosa musica. E ésta musica, senhores, vós o sabeis, a França e a Europa o sabem, não é frivola, passageira, e sem echo como a minha..... Não, porque o seu rythmo é sempre characterizado pelos mais nobres sentimentos do coração e pelas mais altas inspirações da intelligencia. »

. . . .

M. de Lamartine respondeu a este brinde:

« Senhores! O illustre artista a quem temos a fortuna de offerecer hospitalidade, não é extrangeiro em parte nenhuma; o genio é compatriota de todas as intelligencias e de todas as almas que o sabem sentir. Mas não é ao seu genio que vos proponho uma saude; é á sua bondade, á sua prodiga benificencia para as classes indigentes d'este povo que o ama, e a quem elle vai procurar nas infermidades e miserias, para lhe levar em segredo o dizimo do seu talento — o dizimo da sua propria vida, porque elle deposita toda a sua vida no seu talento!...

São éstas esmollas, que só Deus vê cahir na mão do indigente, que fazem ressoar o seu nome no ceu como a mais bella nota dos seus concertos (applausos).

. . . .

CORREIO NACIONAL.

23 A CIDADE de Lisboa, representada pela sua camara municipal, assistiu solemnemente, no dia 13 do passado, em a real casa de S. Antonio, á festividade d'este seu Santo concidadão e padroeiro, que foi celebrada com a pompa do costume.

O que porém tornou esta festividade verdadeiramente municipal, foi o eloquentissimo e exemplar sermão prégado pelo Sr. Dr. José da Rocha Martins Furtado, o qual na traça do discurso, na substancia da doutrina, na valentia e propriedade das imagens, no terso e grave do estylo, e emfim, em todos os difficeis preceitos da oratoria sagrada, póde ser havido como exemplar, digno não só da estampa, mas de se aconselhar para prototypo dos nossos prégadores.

O illustre governador-civil de Beja que não cessa de tomar providencias a favor do seu districto, acaba de estabelecer uma associação para alli promover a instrucção popular, e auxiliar a infancia desvalida, de que é protector o Serenissimo Sr. Infante Duque de Beja.

No dia 26 pelas 11 horas da noite rebentou um forte incendio na calçada-do-monte, n'um palacete acabado de reparar, proximo ás Olarias. Este e uma ermida contigua, arderam completamente. Não houve outra desgraça, nem circumstancia memoravel.

Alguns jornaes teem feito menção e elogiado o procedimento dos soldados de uma patrulha e estação da Guarda-municipal, que na madrugada do dia 27 conduziram elles mesmos ao Hospital um carreiro a quem o seu carro quebrára uma perna (passando-lhe por cima a roda em razão de se terem espantado os bois) por não apparecer áquella hora quem podesse pegar na maca. Louvâmos tambem este acto de humanidade, que não só honra o coração dos militares que o praticaram mas tambem a nossa civilisação e policia.

No anno de 1843 entraram na 'Misericordia' da cidade do Porto, 948 expostos. Faleceram 629, entregaram-se 66 aos pais, ficaram existindo 1,105. Foi a despeza 15:251$203 rs.

No 1.° semestre de 1844 entraram 544, faleceram 348, entregaram-se 30 aos pais. Despeza 8:891$171 rs.

Tendo o govêrno recebido propostas de uma companhia ingleza para construcção de varios carris de ferro no nosso paiz, informam-nos de que exigíra certas seguranças (prudentes e indispensaveis) que lhe garantissem a execução das propostas. Em consequencia d'isso o agente inglez foi a Inglaterra d'onde parece que acaba de chegar novamente com as seguranças precisas, e que effectivamente se vai realisar um carril de ferro de Lisboa a Badajoz passando por Santarem, Abrantes, etc. até Elvas. Occupar-nos-hemos d'este importante objecto n'um dos proximos números da REVISTA.

Na vespora e no dia de S. João passaram nos vapores para a Outra-banda, seis mil trezentas e tantas pessoas. Ja se vê que as que foram em botes, faluas, etc., augmenta muito o número dos visitantes á festa de S. João d'Almada.

Notícias de mui diversas partes do mundo asseguram a apparição de cometas em differentes horisontes. Em 20 de dezembro último via-se um na Occeania franceza: nos Estados-Unidos, na França, na Italia, na Inglaterra, e em Hispanha, tem-se visto nestes últimos tempos alguns cometas. As observações astronomicas de Paris não asseguram menos de tres n'aquelle horisonte. Em Portugal tem-se visto um, senão são dois ao que nos parece; os nossos astronomos porém são tão avaros das suas observações que nenhuma notícia mais circumstanciada podêmos dar a este respeito. Mas se é certo que a terra e os demais planetas foram primeiro astros assim errantes, deslocados ou o quer que seja, de uma immensa massa, grande fabrica de planetas se está operando agora nos espaços do universo.

Segunda-feira (30 do passado) reuniu-se o Conservario-real para a eleição do seu vice-presidente, que deve ser proposto em lista triplice á escolha de S. M. A assemblea esteve brilhante. No primeiro escrutinio entraram no urna quarenta e duas listas e sahiram eleitos; o Sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, com quarenta e um votos; e o Sr. José Manuel d'Almeida Araujo Correa de Lacerda, com vinte e sete votos. Nenhum dos outros nomes obteve maioria para candidato, e por isso se passou a segundo escrutinio, entrando na urna trinta e uma listas. Obteve desasseis votos o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Tractaram-se depois de outros assumptos importantes, e era meia-noite quando se fechou a sessão.

O Sr. Miró Junior está escripturado como tenor pela Empresa do Theatro de S. Carlos: e o Sr. Theodoro está tambem escripturado como baixo. O bom acolhimento que o público fez á Sr.ª Clementina concorreu muito decerto para a admissão de artistas portuguezes no Theatro-italiano. Não temos senão que louvar este acolhimento: d'elle nos occuparemos mais detidamente n'outra occasião.

Na villa de Assumar (Alemtejo), Carolina, rapariga sensivel e enamorada, bordava uma bolça para offerecer ao seu amante. Outrem porém que lh'a víra bordar cobiçou-a e furtoulh'a. Foi depois ter ás mãos d'um camponez que não tendo idêas amorosas sôbre Carolina apreciava comtudo a posse da bonita bolça, e não quiz privar-se d'ella quando Carolina, e sua mãi lh'a foram exigir. Mas não tardou que o amante de Carolina soubesse o destino da prenda que estava para elle, e logo na sua mente exaltada concebeu desesperado ciume do intruso possuidor d'ella, e jurou vingança. Para ésta convidou seu proprio pai, que longe de recusar, e advertir seu filho para que abandonasse a sua negra idêa, conveio, ao contrario, no projecto d'elle.

Na noute de 30 de maio, seriam 10 horas, vindo bem desapercebido o possuidor da prenda e quasi a entrar na primeira rua da villa, o pai do amante que alli se achava de emboscada, disparou-lhe um tiro, e o maltractou ainda com uma faca, e com os feixos da espingarda. O infeliz ainda não morreu mas não ha esperança de salval-o.